

*Só por hoje:  
poesia*



*Emiliana Faria Rosa*

Emiliana Faria Rosa

Só por hoje: *poesia*

Porto Alegre  
2023

Título original: Só por hoje: poesia

Autora: Emiliana Faria Rosa

Revisão e diagramação: Emiliana Faria Rosa

Ilustração da capa: Ana Coronas

Livro digital registrado pela Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faced/UFRGS)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

R788s

Rosa, Emiliana Faria

Só por hoje : poesia / Emiliana Faria Rosa - Porto Alegre:  
UFRGS, 2023.

121 p. ; digital

ISBN: 9786559732753

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDU: 82(81)

Bibliotecária: Evelin Stahlhoefer Cotta CRB-10/1563

## *La vie d' Emi*

Gentis leitores, como estão? Que bom tê-los novamente por aqui. Fiquem à vontade, sentem-se, deixem um café, um chá quentinho perto, ou mesmo uma taça de vinho e boa leitura. Sobre este livro, as poesias são exatamente isso: *La vie d' Emi*, a vida da Emi. São poesias escritas desde 2017, ano da publicação do *Borboletas Poéticas*.

De lá pra cá, muitas coisas aconteceram. Por aqui, nesse meio tempo, tive esgotamento mental, físico, ansiedade, depressão, pânico, pandemia de Covid, isolamento social, o normal perdido e mudanças em todos os aspectos do cotidiano. Com tudo isso descrito, é impossível a poesia passar ilesa. Uma das formas de desaguar todo esse furacão de sentimentos e sensações foi a escrita, a poesia, a crônica (que fica para um livro próximo), além de coisas escritas, lidas e rasgadas em pedacinhos.

Aqui falarei da vida, do universo e tudo mais. Poesia sobre coisas e acontecimentos, risadas, abraços, beijos e do começo-meio-fim-recomeçar. Peço licença, a comum e a poética, visto que aqui encontraremos muitas lágrimas, chuvas, vinhos, suspiros, ventos, ansiedade, amores e a nossa querida amiga liberdade.

Só por hoje, teremos poesia, e que ela esteja sempre presente, não só por hoje e por todo sempre.

Boa leitura,  
Emiliana

The background is an abstract composition of thick, expressive brushstrokes. The upper and middle sections are dominated by warm, earthy tones of brown, tan, and yellow, which swirl and overlap to create a sense of movement and depth. The lower portion of the image transitions into a dark, muted blue, with a few white and light-colored strokes that suggest a horizon or a specific object. The overall texture is rich and painterly.

*Les événements de la vie*

Te incomoda  
minha língua  
minha modalidade  
de ser  
de criar  
de escrever

Te incomoda  
o diferente  
o igual  
o fluente  
a palavra  
o sinal

Te incomoda  
o pensar  
o criar  
a libertar

Roda  
da pedra  
do tempo  
do conversar  
do mundo  
da dança  
do fogo  
do girar  
do envolver  
do acordar  
do respirar  
das bruxas

Hoje, só por hoje, prometo  
olhar o céu e ver o azul.  
Hoje, só por hoje, prometo  
olhar o tempo e sentir mais do que as horas passarem.  
Hoje, só por hoje, prometo  
cuidar de mim.  
Hoje, só por hoje, prometo  
que terei coragem de caminhar.

Hoje eu acordei  
tateando...  
procurando...  
o sono?  
O travesseiro?  
O vazio na cama?  
Não...  
procurando um lápis  
para prender no papel,  
a suave poesia  
que, em sonhos, apareceu.

E essa inquietude de vida  
que bate?  
Que bate, que toca, que vibra.  
E essa inquietude  
de ser, de não ser,  
de estar.  
De querer  
rodar  
o mundo ao mundo  
ao rumo  
do tudo,  
do nada.  
Eu paro,  
estaco.  
Para onde?  
E a vida bate,  
sacode  
em ondas,  
em tempos,  
em suspiros,  
em respiros.

Minha solidão só diz respeito a mim mesma.  
Nenhuma parte dela te convém.  
Sou eu quem a alimento,  
sou eu quem a detém.  
Minha solidão tem grandes presas  
que em um abraço me prendem.  
Minha solidão tem sorriso sedutor  
que, mesmo de soslaio, me rende.  
Minha solidão é só minha.  
Eu a carrego por onde for.  
Seja num banco qualquer,  
seja no jardim de uma única flor.

Eu tinha uma agenda cheia  
de datas, de planos e tarefas.  
Uma retomada,  
talvez,  
de onde parei  
(seria possível??).  
Eu tinha ideias,  
vontades de ser e fazer;  
e veio o vento empoeirado  
de não-poderes...  
a nos fechar em casa.

Respira fundo,  
enfrenta teu medo,  
pula!  
Tampa o nariz se preciso,  
pula!  
Pisa com cuidado nas pedras,  
pula!  
O tombo pode doer,  
seja lá qual for a altura,  
pula!  
Rala - quem sabe? - os joelhos,  
eles se curam,  
pula!  
Fecha os olhos e vá,  
pula!

Às vezes não ter cuidado  
é ter o cuidado  
de se abrir para novos  
voos  
pousos  
às vezes o não tropeçar  
é ter passos mais seguros  
mais respiráveis  
mais possíveis

Às vezes o que vale é  
o vinho derramado  
a cerveja morna no fundo do copo  
o sorriso sutil  
o olhar retribuído  
os sorrisos que se esbarram  
o sussurro visível  
que se transforma em aconchego

Sim,  
o silêncio incomoda  
tanto  
que tal incomodo  
nos faz mandar mensagens desconexas.  
O silêncio,  
palpável,  
nos faz tentar abrir caminhos  
no escuro das letras.  
O silêncio  
que silencia fagulhas,  
é cortado pelo crepitar  
do fogo.  
O mesmo silêncio  
que nos cala  
nos faz falar de outras formas  
(ir) reconhecíveis.

Céus crus e sombrios no horizonte,  
observamos pela janela.  
Sons e tons cinzentos,  
cimentos,  
pesadas passadas,  
passa por cima de todos nós.  
E o véu espesso  
cobrem os olhos de muitos.  
No entanto, no mesmo véu  
vejo olhos inquietos  
através de buracos.  
Olhos que ousam  
apontar um caminho.  
Vozes e mãos gritando não  
no abismo profundo  
tapado pelo véu.

Um, dois, três dias...  
Não, não esqueci...  
Apenas não escrevi.  
Havia muito movimento na cabeça.  
Havia muitas palavras, muitos sinais,  
atravessando  
as vias do pensamento.

Trouxe a cabeça pra pracear  
e vejo os pensamentos correndo para os balanços ali.  
Outro pensamento desce no escorrega, outro deita na  
grama.  
Meus pensamentos não param,  
são inquietos, alguns velozes, alguns tímidos.  
Ocupam cada um seu lugar dentro da minha cabeça  
que rodopia com todos eles.  
Por isso, para aquietar, às vezes eu levo os pensamentos  
pra passear...  
numa praça, num café, em qualquer lugar.

Passa a semana  
passa o dia  
passa o tempo  
passa o suspiro do mundo  
corra teu caminho interno e externo  
corra com doçura  
e esperança, com afeto e temperança  
corra, menina, corra  
até que tu se encontres na imensidão  
do tempo que passa

Fecho os olhos  
e só sinto o silêncio...  
pequenas ondas de pensamento  
batem nos meus pés...  
e faltam-me palavras para explicar  
tudo o que existe  
neste ir e vir das ondas  
do meu interno mar...

O que eu quero de verdade?  
Às vezes não faço ideia  
às vezes sei exatamente o que  
às vezes só sento e respiro  
e a cabeça transborda  
em ideias  
em vazios  
em espaços  
em hiatos

Tenho dias calados,  
mas com a cabeça cheia.  
Tenho dias em que a caneta  
fala mais que a boca ou as mãos.  
Tenho dias em que o nada faz morada,  
faz acampamento, acende a fogueira,  
enquanto olha as estrelas.  
Tenho dias em que o tudo é tanto que me falta ar.  
Dias em que pareço estar lotada de coisa,  
quando na verdade,  
é somente - só?!?!?! - a presença da ansiedade.

Uma brochura é pouca,  
muito ou louca escrita.  
Uma brochura é pouca para contar  
o que não sei dizer.  
Só sei que sinto.  
Pulsante.  
Para menos ou mais.  
Quente e frio.  
Palavras aqui escrevo para tentar desvendar-me.  
O que acontece comigo?  
Nem eu sei.  
Ora doce, ora salgada.  
Ora seca, ora amarga.  
Quase que não me reconheço.  
Não sei quem sou,  
nem para onde vou.  
O que tenho sentido?  
O que tem me deixado assim?  
Acolho e aconselho tantos, mas e eu?  
Eu me acolho?  
Devo, mas como?  
Sou um espiral, uma onda, uma montanha russa.  
Num interminável ir e vir de sentimentos.  
Ando tão transparente e, ao mesmo tempo,  
tão turva.

E esses dias em que eu só suspiro?  
Não são de saudade, nem de amor.  
Suspiros profundos sem sabor,  
nem cor.  
Como se algo faltasse,  
como se algo surgisse,  
como se algo brotasse  
e sumisse.  
É um querer não querendo,  
um sentir não sentindo.  
É só vontade de olhar o nada...  
nesse olhar perdido,  
uma fagulha ainda pulsa  
e se agarra para saltar.

Já sentiram a sensação de não saber,  
mas sabe que está sentindo algo?  
Já sentiram a sensação,  
uma comichão,  
por dentro,  
roendo,  
e você nem sabe de onde vem...  
já se sentiu inquieto  
ao ponto de levantar,  
sentar,  
levantar,  
e, por fim,  
andar em círculos,  
sem saber pra onde vai...  
a inquietante inquietude  
que evapora quieta  
invisível  
por cada poro.

Este mês eu irei encontrar meus fantasmas  
não usam lençóis brancos  
são feitos de unhas, braços e laços  
são feitos de passados,  
de antigos sorrisos,  
ou de desejos saciados  
ou de lenços sujos de coriza.  
Vou encontrar meus fantasmas,  
mas levemente preparada  
- e incomodada -  
não porque eles me assustam,  
mas porque há muito tempo não saiam  
da tumba do esquecimento  
que a vida os colocou.  
Ao ver os fantasmas,  
em uma mão tenho o escudo  
e em outra a espada  
e a prece sincera  
de que a vida os leve de volta  
de onde os retirou.

Dor de garganta  
que aparece  
quando engulo palavras pontiagudas  
e elas ardem, cortam, ferem.  
Ah! Doida e incompreensível realidade da escolha  
de preferir se autodolorir, engolir,  
por acreditar que expor o que sente  
é ferir o outro.

Meus poemas possuem saudade  
do que poderia ter sido e não foi.

Engula o choro  
Engula a dor  
Não demonstre  
Você precisa ser forte  
Limpe as lágrimas  
Não deixe que te vejam chorar  
Tome seus remédios  
Não grite  
Ninguém precisa saber  
O que você sente...

Até que um dia  
Mãos sábias terapeutas  
Te acolhem e te guiam e...  
Do fundo do poço  
Do fundo do corpo  
Do fundo de sabe-se lá de onde  
Um sussurro...  
Um grito sem som surge  
Não sei o que é mais difícil  
A dor que sinto com a pressão na pele  
Ou o vocalizar  
Da dor saindo de mim  
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

Quem me lê?  
Quem se lê?  
Quem te lê?  
O que tens escrito no diário da vida?  
O que deixas aberto e o que fecha?  
Onde escondes a chave das escritas dos teus sonhos?

E no despertar deste dia,  
temos o abrir de uma caixa,  
não de pandora,  
mas de uma caixa-surpresa de um novo ano  
que boceja, lenta e preguiçosamente,  
no horizonte em que se anuncia.

As nuvens correm  
passam rápido  
pressa, pressa.  
Pressa de chover?  
Pressa de ir,  
sair  
partir  
fugir?  
Pressa de molhar?  
De regar  
mudar  
moldar?

O que eu quero?  
Nem sei.  
Quero algo que vagamente  
adormece nos pensamentos.  
Quero algo que vejo ao longe.  
Quero o infinito que se abre  
- Onde? -  
Não sei.

Vai passar....<sup>1</sup>  
E os dias passam,  
embaçam,  
mas, cedo ou tarde, passam.  
Passos perdidos em dias esquecidos,  
passos em ecos no ar.  
Sem dor, sem dar, como passar?  
Passar pelo tudo  
e pelo nada.  
Passar por cima,  
por baixo, pela grama, pelo asfalto.  
Basta somente passar?  
Deixar ir e, não, nunca, mais, voltar?  
Pés passados em passos  
inseguros,  
incertos  
tortos...  
Busco o que me motive,  
que me faça levantar.  
Se já não sei para onde ir,  
se já não sei o meu trilhar,  
como saberei por onde passar?

---

<sup>1</sup> Publicado anteriormente em: Rosa, Emiliana Faria. Vai passar. In: Assis, Ivone Gomes de (Org.). *Um frasco de vida*. Uberlândia: Assis, 2021. p. 26

Estamos numa bolha jogada no espaço,  
flutuando...  
observando as luzes da terra piscar...  
vendo pequenos fragmentos de poeira,  
não sabemos se é noite ou dia.  
Vemos o sol e a lua,  
dependendo para onde a gente olhar.  
Sentamos e contemplamos o infinito,  
sem saber para onde ir ou o que virá.  
A gente se olha e nada fala,  
nem precisa!  
Estamos tentando compreender o todo,  
o nada,  
o universo dentro de nós.

São tempos sombrios para sonhadores  
são tempos nada poéticos  
talvez para parnasianos e suas rimas duras,  
“perfeitas”,  
mas não para os românticos  
e todos os seus poemas-sonhos!  
As nuvens no céu,  
tão pesadas e elétricas  
quanto os gritos,  
secos, surdos, sem sons,  
que caminham,  
com pesados sapatos,  
pelas ruas.  
Se o mar reflete o céu,  
o mar dos gritos reflete a eletricidade das nuvens  
ou seria o contrário?  
Não deite na grama ou flores nelas,  
não encontrarás.  
O tempo sombrio indica chuva.  
Há um temporal a caminho?  
Estamos todos abrigados?  
O céu cada vez mais cinza,  
mais gritante, nos acua  
contra a parede áspera de cimento cru.  
Olho um fio de raio de sol,  
tento a ele me agarrar.  
A doce esperança de uma espera  
que o sonho alcança.

Tem dias em que a gente se encolhe...<sup>2</sup>  
feito lua minguante.  
Tem dias em que inflamamos,  
feito lua crescente.  
Tem dias em que ideias brotam,  
luamos nova?  
Tem dia em que abrimos os braços,  
abraços em mim mesma, no outro, no espaço,  
elevamos o corpo,  
por dentro e por fora,  
e nós nos preenchemos  
com o cheio luar da lua cheia.

---

<sup>2</sup> Publicado anteriormente em: Rosa, Emiliania Faria. Fases In: *Tamari-  
na: revista literária*, [s.l]: Médiun, 2022 Vol. 4, n. 2 (abr. 2022), p. 31.

Pensávamos que em 2023  
teríamos carros voadores,  
robôs em tudo o que é canto,  
que viveríamos pelo ar,  
tal qual a família Jetsons...  
mas, incredulamente, o que vemos  
é um retrocesso para o tempo das cavernas.  
Embora eu imagine que dizer isso seja uma ofensa  
aos povos primitivos.  
Estamos andando para trás?!  
O que vem agora?  
Os dinossauros?

Saudades imensas  
de quando todos os problemas  
eram só as continhas de matemática  
num pequeno caderno,  
encapado de plástico xadrez,  
dentro da mochila.

Amortecedor  
amor tecedor  
amor tece dor  
amortece dor  
a morte cedor  
amortecedor  
da queda  
do baque  
do fundo do poço?  
Não,  
do ser.

Chuva,  
guarda-chuva,  
capa de chuva,  
passos apressados,  
gotas de água... pura?  
A menina vai...  
sem pressa...  
caminha...  
cabelos molhados,  
roupas molhadas,  
sorrisos.  
Alma molhada,  
lavada,  
levada,  
sem se guardar da chuva.

Posso ter cara de levada,  
coração de menina,  
sonhos encantados,  
alma cristalina.

Lágrimas  
de riso ou choro,  
me transbordam.

Ainda que meu sol seja tapado por nuvens,  
sigo olhando pra frente.  
Sigo procurando caminhos,  
e, neles, meus sonhos.

Feliz mês novo!  
VERemos dias pulantes - olha o carnaval aí!  
REI sol brilhando - verão em ponto máximo.  
ROda o tempo de um mês, tão festivo, e  
- como diz o ditado -  
tudo o que é bom dura pouco.

Somos peixas até o último fio de cabelo  
cada célula que pulsa  
repulsa  
expulsa  
o que tiver que sair  
e ir  
pra esperar a vinda  
do que não sabemos  
mas sentimos  
e, por vezes, queremos  
ou não.  
Ninguém vê,  
ninguém sabe,  
mas nós, peixas,  
sentimos.  
Sabemos que a maré muda,  
turva,  
muda, repuxa,  
e num redemoinho  
solta-nos ao mar.

E tudo de novo começa  
mesmo sabendo que não é...  
não é pra ser?  
Não é pra sentir?  
Não é pra deixar levar?  
Não é pra sonhar?  
Peixes sonham,  
abrem portas de outros mundos  
tão distantes e tão desejados  
que não ousamos controlar.  
Eu, nadando desde sempre,  
esqueço dos anzóis,  
esqueço das armadilhas,  
tubarões e águas-vivas,  
que estão no mesmo mar.  
Nada, peixinha, nada,  
abra os olhos no fundo do mar...  
nada, peixinha, nada  
só não se esqueça de descansar...  
nada, peixinha, nada  
só não te prendas neste sonhar...

Me pego pensando que somos santas,  
observando as coisas acontecerem  
e tecendo caminhos.

Me pego pensando que somos putas,  
Cabelos ao vento  
sem medo de se expor.

Me pego pensando que somos puras,  
sorrindo com graça,  
olhos faiscantes de quererem.

Me pego pensando que somos  
quem somos  
- o que somamos -.

Somos tantas,  
somos uma.

Somos o vento:  
livre, mutável, redemoinho.

As nuvens correm  
passam rápido  
pressa, pressa.  
Pressa de chover?  
Pressa de ir,  
sair  
partir  
fugir?

Pressa de molhar?  
De regar  
mudar  
moldar?

As nuvens com pressa  
deslizam pelo céu.  
Pequenas  
enormes  
evaporadas almas  
dos rios, mares, poças  
de água, de lágrimas...

E lágrima evapora?  
Não sei.  
Difícil dizer...  
Nunca prestei atenção,  
elas sempre me escorreram sem rumo...  
Só sei que a nuvem corre,  
tem pressa no seu viver,  
tem pressa no seu deslizar.

Para pessoas sonhadoras<sup>3</sup>,  
viajantes entre dimensões,  
nada de poesia,  
antes do meio-dia.

Recém despertando,  
O sol, o poema e o dia.  
O cheiro de café coado,  
se embola no verso da poesia.

Caneca cheia do líquido quente,  
os olhos correm pelo papel decifrando escritas.  
Ouso parar em algumas palavras,  
espremendo os olhos e significados.  
A mente viaja em dizeres multiplicados.

Viajo em frases, vírgulas, ideias,  
me perco em pensamentos.  
A mente flutua no espaço infinito,  
entre o real e o imaginário,  
o concreto e o abstrato,  
entre o fixo e o mutável.

Volto à realidade e ao café frio.  
Por isso, para sonhadores, o lembrete:  
nada de poesia,  
antes do meio-dia.

---

3 Para Girassol

Construímos casas, preces, relações, aviões  
construímos ideias, saberes, navios, pontes, estradas  
construímos sentimentos, olhares, sonhos,  
esperanças  
construímos a nós mesmos, todos os dias  
e, para construir, carregamos...  
carregamos tudo nos olhos, nos ombros, nas costas,  
carregamos coisas por dentro e por fora.  
carregamos palavras, sensações, valores, matéria.  
carregamos pensamentos.  
somos construtores, carregadores, “fazedores”  
da vida...  
e escrevemos,  
reescrevemos,  
vivemos  
com suor, sangue, sorrisos e lágrimas.  
Poetamos, como diz uma amiga,  
“com uma linguagem em um pote de amor  
a quem carrega batatas”,  
e, neste mundo, temos todos uma batata a carregar.

Planos, projetos, ideias, relatórios, tudo diferente  
do que o meio acadêmico considera correto.  
Será que a academia é feita somente de ideias duras,  
cruas e cruéis?  
Onde está a leveza?  
A sabedoria?  
O pensar?  
Onde está o coletivo?  
A simplicidade?  
O educar pelo mundo?  
Endurecemos nossos velhos sonhos?  
Quem somos nós,  
O que queremos?  
Não sonhamos mais?  
Que mundo é este em vivemos,  
no qual o preenchimento de formulários e sistemas  
vale mais do que a vida?

Horas que passam  
repassam  
ferem  
acordam  
sacodem  
vegetam  
animam  
alfinetam  
restringem  
ampliam  
arrebentam  
arreatam

Horas que movem  
num contínuo  
no espaço-tempo  
o tempo-espaço  
do infinito

Segunda

Um, dois, três,  
segunda-feira outra vez.  
Café com pão,  
chave na mão,  
ônibus lotado,  
trabalho adoidado.  
E eu sem saber  
quem está mais atordoado:  
eu ou você?

Terça

Um terço  
da parte? Do tempo? De reza?  
Terça.  
Nem meio, nem fim;  
Um dia tão perto  
e distante de mim.  
Um terço de reza, preenche.  
Um terço da comida, alimenta.  
Um terço do tempo, voa.  
Eu teço, tu, terças?

Quarta

Quartas-feiras  
Quantas feiras?  
Quais as feiras  
em que as quatro freiras passeiam?

## Quinta

Quintemos! Ops! Brindemos!  
Quinhentos gramas de esperança,  
Espero... espero... esperamos...  
Ah! Enfim!  
Quinhentos espaços de saudade  
preenchidos pelo teu abraço.

## Sexta

Tic tac tic tac tac tac  
e esse relógio que não para de contar?  
Sinais soltos perdidos no ar.  
Tum tum tum  
Dedos inquietos a espera tamborilam na mesa,  
à espera de algo aliviante...  
Com sua licença,  
onomatopeiaremos de outra forma:  
Glub! glub! blub! glug! Ahhhhhh!  
E lá está o copo vazio, com pequenas gotas deslizando,  
nesse calor de fim de tarde.

## Sábado

Como você sabadeia?  
Tem gente que dorme,  
que viaja,  
que estuda,  
que faxina,  
que trabalha,  
que passeia...  
Sábado, o dia livre que,

de tanta ocupação fica cheio.  
Desprograme-se no sábado,  
ponha as pernas pro ar!

## Domingo

Cheiros entram pela janela  
sem pedir licença, sem a menor cerimônia.  
O estômago pula já escolhendo o que quer.  
Vizinhos criam cardápios olfativos  
de um delivery aromático.

Uma mensagem à toa  
Duas conversas finitas  
Três pensamentos que voam  
Quatro ventos contidos  
Cinco sentidos abertos  
Seis motivos versos escritos  
Sete minutos pro infinito.

Uivemos  
Se trocar o U pelo V,  
Dependendo da caligrafia,  
Dá para ler duas palavras em uma escrita.

Vinho  
Indo  
Ninho  
Passarinho?  
Não...  
Apenas um pensamento  
Perdido no caminho...

Escrevi dezenas de poesias e coisas afins  
nos tempos de pandemia  
Joguei fora oitenta por cento,  
eram confusos demais para qualquer pessoa ler.  
Na pandemia joguei fora muita coisa,  
ideias, textos, expectativas, pessoas.  
Mas a gente joga fora ou desapega?  
Acredito que o desapego é algo  
que envolve sentimentos.  
Jogar fora é um processo de tirar  
de perto de ti de forma objetiva.  
Joguei fora e desapeguei. Fiz os dois processos.  
Não me arrependo de nenhum deles.  
Extremamente necessário para nós mesmos,  
esses novos espaços nas gavetas do armário  
e da cabeça.

A poesia me persegue  
segue  
cutuca  
provoca  
esbarra

A poesia me persegue  
e eu continuo a andar

A poesia me persegue  
segue  
tenta puxar papo  
me pede um gole  
me pede um afago

A poesia me persegue  
e eu a ignoro

A poesia me persegue  
segue?  
Ela cansa  
eu suspiro  
dou meia volta  
paro a sua frente  
e estendo os braços

A poesia já não me persegue  
nem segue,  
a poesia está  
dentro de mim

Hoje não tem poesia.  
A cabeça segue rodando  
embriagada não pelo teor alcoólico,  
mas pelo girar dos pensamentos,  
aleatórios ou não,  
numa roda gigante,  
constante,  
na cabeça - será? sei lá - vazia...  
mas, espere aí,  
quem disse que não teria poesia?

revisa  
vírgula  
revisa  
caixa alta  
revisa  
troca o verbo  
revisa  
revisa  
peraí!?!  
revisar pra quê  
se a poesia tem alma livre?

Onde está a poesia?  
na língua  
nos sentidos  
no sentir  
na percepção  
na experiência  
no ser  
no viver  
a poesia está na própria poesia  
na poesia do dia a dia  
na poesia do levantar do lápis  
na poesia do empoderar as mãos  
na poesia do somar palavras  
na poesia dos movimentos ao ar!

nem tudo é como queremos  
nem todo beijo é de começo  
nem todo até logo volta logo  
nem todo suspiro é de saudade  
nem todo abraço esquenta  
nem todo sorriso é de felicidade  
nem todo eu será uma parte de você  
nem todo texto é poesia

Sem tinta,  
a pena se sente só.  
Sem lua,  
o mar se cansa.  
Sem água,  
o rio seca.  
Sem amor,  
o coração murcha.  
Sem casulo,  
a borboleta não se transforma.  
Sem poesia,  
a vida desanda.  
Que a poesia da tinta,  
da lua,  
do mar,  
da água,  
do amor,  
da vida,  
nos transforme  
em pó de poesia.

O poema senta  
na cadeira ao lado.  
Beberica o café-grafite  
e me encara.  
Suspiro...  
meu frio café  
deixa ainda mais turva  
a manhã cinzenta aqui dentro.  
Lá fora? Ar. Vento. Tempo. Primavera.  
O poema pede para sair.  
Olhos suplicantes brilhando.  
Eu cedo.  
A janela poética se escancara!  
E o sol da vida me inunda.

A poesia escorre  
na prece de um novo dia  
no suspiro de um novo começo  
no silêncio de um olhar que se dissolve  
no beijo esperado e não dado  
no abraço desajeitado do ontem  
no querer de um futuro que não será  
no teu olhar seco  
no meu toque suave  
na palavra dita  
no sinal quente  
no lápis que corre pelo papel

E como se cria a poesia?  
Com a ponta do lápis?  
Com a palavra pensada?  
Com o suspiro profundo?  
Com a madrugada que entra pela janela?  
Com a solidão?  
Como se cria a poesia?  
Com meia dúzia de palavras?  
Ou meio quilo de letrinhas  
e uma pitada de inspiração?  
Não, a poesia se cria  
por si só.  
A poesia surge calada,  
espreitando as frestas,  
espera quieta na coxia  
e, livre,  
salta ao palco da vida.

Li-ber-da-de  
livre momento em que  
o vinho estala no céu da boca  
lábios que sorriem docentemente  
olhos que se fecham com o vento  
e um suspiro que canta vindo da alma

A watercolor illustration of a person's face and hair. The hair is rendered in warm, golden-brown tones with soft, flowing brushstrokes. The face is a pale, pinkish-beige color, with a dark brown line indicating the eye and a dark blue area at the bottom left, possibly representing a shadow or a piece of clothing. The overall style is soft and painterly.

*Sourires, câlins, baisers*

Por teus dedos  
correndo em minha pele,  
eu descobri que  
ainda havia toques  
desconhecidos  
a serem  
conhecidos  
no certo momento  
com os dedos certos:  
os teus.

Enchi a chaleira,  
acendi o fogo,  
coloquei a caneca com o chá em cima da mesa  
e esperei.  
Esperei a água ferver,  
esperei não me queimar,  
esperei o chá misturar...  
só não esperava que o vento forte  
entrasse inesperadamente pela janela  
e derrubasse a caneca...  
as folhas de chá do chão eu tirei,  
reclamei baixinho ao ver os cacos no chão.  
Respirei fundo, recomecei e  
olhei pela janela.  
Sorri:  
havia um poema preso numa farpa.  
Era teu.

sussurros  
até a palavra se arrasta  
se incorpora, se alonga  
mais que o respirar  
sussurros  
ao pé do ouvido  
ao pé dos olhos  
ao pé dos dedos  
ao pé dos lábios  
sussurros  
o breve e leve toque  
de palavras ou sinais  
que passeiam por teus  
lábios, pelos e poros

Eu me transporto  
flutuo, transbordo, mergulho  
no tempo e espaço  
sem pedir, sem querer,  
só ser.

Eu me transporto  
ao teu chamado  
ao toque sutil  
da linha vermelha  
do destino.

Eu me transformo  
em poeira do tempo  
em fios invisíveis  
e me transporto  
para onde você estiver.

E quando te percebo  
entre cheiros, palavras, visuais...  
quando te sinto,  
quando te preciso e tu estás...  
Me pergunto se tens consciência  
que tu também te transportas.

Posso te tentar de alguns jeitos  
com olhares, sorrisos e duplo sentido.  
Posso te tentar de outra forma  
com palavras, sinais  
e entrelinhas.  
Posso te tentar de outros meios  
com vinhos, viagens, desejos.  
posso te tentar...  
que importa?  
A tentação, atenta ao ser tentada,  
espalha-se pelo ar.  
Só resta saber...  
você consegue a tentação segurar?

talvez um dia essa garrafa tenha um fim  
talvez um dia essa rolha seja retirada  
talvez um dia dois copos se esbarrem sobre a mesa  
talvez um dia pés se se encontrem sob a mesa  
talvez um dia mãos se encontrem na garrafa  
talvez um dia o vinho seja derramado  
na taça  
na garganta  
na toalha  
no chão  
com a queda de uma das taças  
pelo calor de um beijo inevitável  
talvez um dia o grafite do poema  
risque muito mais que o papel  
mas também o tempo  
talvez um dia o tempo risque a distância  
talvez um dia tu tenhas coragem de aparecer  
trazendo o abridor  
a taça  
e um afago teu

No fundo  
ainda sinto.  
No raso  
eu minto.  
Me escondo,  
te nego,  
me nego,  
te observo.  
Por dentro  
te quero.  
Por dentro  
me queimo.  
Por fora  
congelou.  
Pros outros  
rio de mim mesma.  
Pra mim,  
sento no chão,  
abraçada às pernas,  
e penso  
na dualidade de sentimentos  
que me faz  
e me desfaz.

tem coisas que não se entende  
só se vive  
só se respira  
só se sente  
na pele  
na saliva  
no olhar  
tem coisas que não se explica  
só se abre  
num sorriso  
num abraço  
na imensidão do que surge

Poéticos  
Poemáticos  
Estéticos  
Fantásticos  
Fragmentos  
De poesia  
Que se cruzam  
Que se ajeitam  
Que se esbarram  
E se perguntam:  
Na minha linha ou na tua?

Não te corro,  
na verdade, é uma batalha interna  
entre a razão e a vontade.  
A cabeça manda  
a responsabilidade dizer:  
“Vá!”  
Enquanto todo o resto do meu corpo diz:  
“Fique!”

O sono é uma entrega.  
entrega-se os sonhos,  
os desejos,  
os medos.  
No sono, frágeis somos,  
sem amarras,  
sem máscaras,  
sem proteção.  
No sono, o impossível  
torna-se visível,  
palpável  
surreal.  
No sono,  
realidade e irreabilidade se costuram  
quando tu surges  
e me beija.

Teu abraço nos meus braços  
- mais forte -  
- mais firme -  
- mais meu -.  
Teus braços no meu abraço  
- mais laço -  
- mais tenro -  
- mais teu -.  
Teu abraço nos meus braços,  
profundos suspiros meus.  
Teus braços nos meus abraços,  
inúmeros silêncios teus.

E eu fico esperando  
tua palavra  
tua chegada  
teus beijos  
teus olhos se fechando  
ao sorrir.  
Sei que não devo,  
sei que hoje não te vejo,  
mas fico à espera  
de uma mensagem tua  
dizendo: “estou aqui”.

Tu chegas  
num rodopio  
- de olhos -  
que gira  
- na vida -  
e desvira  
- a vida.  
E respira  
- cheiros -  
e resgata  
- palavras perdidas entre sussurros.  
Tu chegas  
sorrindo  
- pelos olhos, pela boca -  
me arranca  
- risadas e a roupa -  
e cola  
- feito imã-  
na pele.  
Desafiamos a física,  
dois corpos no mesmo espaço.  
Possível?  
Sim.  
Entre pele, sorrisos, abraços, beijos,  
eu vislumbro  
um novo mundo  
na ponta dos teus dedos.

Eu fechava a porta  
já cansada do nada.  
Logo eu, que sempre quis o tudo.  
No último instante,  
teu pé na porta  
impediu-a de fechar.  
Sorria.  
Sorria pra mim  
sorria pra vida  
sorria pra chance  
que se abria.  
E eu?  
Escancarei a porta  
quando vi que era  
a felicidade quem batia.

Dia e noite,  
sol e lua,  
doce e amargo,  
sal e açúcar,  
caminhar e parar,  
respirar e suspirar,  
o tudo e o nada.  
Pequenas coisas que parecem opostas,  
mas se completam.  
Sem perguntar.  
A vida segue.  
Na mesa, o açucareiro,  
meio aberto, colher caindo.  
Olhamos,  
sorrisimos.  
O açúcar se derrama  
mostrando que encontramos  
pequenas doçuras  
onde não se espera.

Sabe porque conto os meses contigo?  
Porque não tenho como contar  
meus sorrisos,  
são tantos!  
Sabe porque conto os meses contigo?  
Porque não tenho como contar teus abraços  
Sabe porque conto os meses contigo?  
porque não tenho como contar  
a paz que tu me traz.

Um dia  
um mês  
um ano  
e tantos dias  
e tantas suaves horas  
todo esse tempo contigo  
somado a tudo  
só me faz sentir  
que tudo está  
como deve ser

E depois de tanto... nem sei.  
Nem sei se foi o tempo  
ou a falta dele  
ou se foi o espaço de curar feridas  
ou se foi a ferida que não curou.  
Casca arrancada, sangue vivo, calor.

É como se o tempo não tivesse passado  
É como se ontem fosse pouco a conversa  
É como se num lampejo você fosse tocar minha mão  
É como se teu abraço fosse laço  
É como se mesmo com tudo diferente  
nada tivesse mudado

Quando o beijo é mais que um toque,  
entre bocas,  
entre sorrisos...  
Quando a vontade é tanta que vira sofreguidão,  
uma necessidade,  
algo vital,  
algo como se falasse  
“Preciso da tua boca, agora!”  
É um querer morar dentro,  
que nem se lembra de respirar.  
É ter, sentir, teus beijos  
e achar que não é real.  
É ter sonhado tanto com isso,  
num tempo passado, esquecido,  
que até seguro teu rosto para te ver,  
te tocar, acreditar.  
E, numa pausa,  
procurando o fôlego perdido,  
você me olha com afeto e eu  
te dou um largo sorriso.  
Você sorri de volta,  
e me beija com toda ternura possível.

Liberdade de corpo,  
liberdade de alma.  
Viver o momento,  
respirar o minuto,  
libertar-se dos medos  
dos padrões.  
Há tanta vida lá fora  
para que fechar as janelas?  
Olha o sol que entrar pela fresta  
de mansinho,  
olha o vento querendo  
sacudir as cortinas.  
Abra a janela da alma,  
feche os olhos  
e caminhe pra vida  
sem medo,  
sem amarras,  
sem pudores.

Eu não sei por onde começo  
nem por onde termino  
nem por onde me perco  
nem por onde me acho.  
Sei lá!  
Sei lá, o que virá.  
Sei lá se tudo é ou será!  
Só sei que as coisas dançam,  
flutuam sobre a cabeça,  
dão rasantes nos pensamentos,  
escorrem pela tinta da caneta.  
Sei lá se ganho ou se perco,  
sei lá se voou ou paro,  
sei lá se sigo ou freio,  
sei lá se o aqui ou lá me esperam.

...

... ..

...

... ..

..... ..

Quem será que consegue descobrir

o significado de tantos pontinhos?

Até onde as reticências preenchem lacunas?

eu sorrio  
culpa sua  
eu caminho  
sob a lua  
eu me perco  
em sua rua  
eu desejo  
minha boca na tua

Vai poetar?  
Ele pergunta  
depois de tanto dito,  
de tanto transbordar.

Eu disfarço,  
agradeço por ele não estar aqui,  
é mais fácil enfrentar o curso  
do que a realidade presente e  
constante da tua presença.

Vou poetar?  
sempre e todo dia.  
Embora hoje faltam-me palavras  
para explicar tudo o que floresce no peito.

Dois sorrisos enormes, de orelha a orelha.  
Um abraço tão apertado que se olhasse de longe, parecia ser uma pessoa só.  
Eram duas saudades, se fundindo.  
Um beijo roubado, com pressa, pressa de presença, com pressa de sentir.  
A lua e o mar, duas pessoas, duas solidões, duas solitudes.  
Tensão e calma.  
Olhares que se cruzavam em pequenos silêncios que diziam tanto.  
Palavras que saíam corridas, bocas que se enroscavam numa ânsia de mais e mais enquanto podiam.  
Afeto, ternura, colo.  
Um enrolar de dedos e línguas.  
Um sentir além do material.  
Uma parte, preenchida, que há muito foi sufocada e esquecida - era necessário.  
O presente, presente.  
O futuro?  
Não sei! Não quero pensar.

Passam dias, anos, décadas,  
passam horas, locais, pessoas.  
Tudo passa.  
A lembrança e a saudade ficam.  
Ficam também o sorriso, o perfume, um detalhe.  
E o restante?  
Sei que a vida de todo dia  
não é feita só de sorrisos, mas o que importa?  
O que realmente vale a pena são os laços,  
não os de fita, mas os de vida.

An abstract painting featuring a dark blue background with several thick, white, hand-drawn lines. These lines form various shapes, including loops and elongated forms, some of which resemble stylized leaves or branches. The lines are somewhat irregular and expressive, suggesting a gestural style. The overall composition is dynamic and organic.

*Commencement, milieu, fin  
et recommencement*

Às vezes esqueço  
que não sou só eu  
às vezes esqueço  
que não somos mais nós  
às vezes esqueço  
que o hoje não terá amanhã  
e que o ontem é só fumaça  
do amor que tínhamos  
Tínhamos?

O que você fez com você?  
Não te conheço mais.  
Deixei de te conhecer  
ou será que um dia te conheci?  
O homem por quem me apaixonei,  
eu não vejo.  
Há uma nuvem nebulosa que te impede,  
te afasta,  
te isola,  
te transforma em algo que não sei o que!  
Quem é você?  
Não sei mais.

apaixonar  
apaixonar-se  
apaixonar-nos  
estranhos momentos em que não se sabe  
se seguramos a ponta da corda do balão  
ou o deixamos escapar pelo ar

Borboleta tão faceira  
que procura quem a queira  
num bater asas ligeiro  
tal como um beijo roubado.  
Borboleta voa leve,  
bate asas e num clique  
abre a portinha do infinito.  
Estar presa na caixinha  
é ilusório;  
a pequenina volta e meia  
arrisca uma fuga.  
Torno a fechar a portinha,  
algo me diz que não é o fecho  
com problema...  
Na verdade, é puramente  
a certeza de que  
a cada abrir de porta  
a poesia nos espera.

Matematicamente,  
em um encontro é impossível definir qualquer coisa.  
Biologicamente,  
um beijo prova  
muito mais do que meia dúzia de palavras.  
Fisicamente,  
você sabe tanto quanto eu  
como estavam nossos corpos.  
Linguisticamente,  
você mesmo disse que depois de duas semanas,  
palavras eram desnecessárias.  
E diante de tamanha combustão  
naquela tarde,  
você diz que o problema foi de química?

Eu queria ter uma borracha  
para apagar passos e pessoas da minha vida.  
Quem sabe, assim, eu não sofresse...  
quem sabe, assim, não me iludisse...  
quem sabe, assim, não acreditasse em promessas vãs...  
eu queria ter uma borracha  
e um lápis.  
Para desenhar novos caminhos,  
traçados meio tortos, mas certos  
de que haveria sorrisos e significados verdadeiros.  
Eu queria ter uma borracha  
para apagar essa tristeza que ainda sinto  
da falsidade das tuas palavras  
mascaradas por palavras bonitas...  
as quais meu puro coração acreditou.

somos dois  
com sede  
com fome  
com juras  
com olhos  
com desejos  
somos dois  
a procura  
de carinhos  
de caminhos  
de colo

somos dois  
que se perguntam  
como será  
o que será

somos dois  
com palavras à boca  
fôlegos suspensos  
olhares que se cruzam  
somos dois  
que se buscam  
no acaso  
de um suspiro  
perdido  
(re) conhecido  
nos braços do tempo

Já?  
tem certeza?  
Tão pouco e tanto....  
O tempo corre apressado, ao teu lado.  
A vida rodopia saltitante a cada sorriso nosso.  
Dois anos, já?  
Não é mais?  
Tenho tanta certeza que nem sei de onde vem.  
Só vem e fica, inunda o viver.  
Dois anos  
contigo  
comigo  
conosco.  
Te amo  
e isso basta.

Chove  
vejo no horizonte fiapos de céu azul  
estou na soleira da porta  
com um guarda-chuva.  
Pingos, respingos, me molham.  
Há uma poça de água bem no meu próximo passo.  
Desvio? Pulo? Espero?  
A chuva não para.  
Tenho esperanças nos fiapos de céu azul...  
espero,  
me protejo como posso,  
bobagem,  
já estou encharcada,  
mas eu ali parada  
ainda tenho esperanças.  
Agarro-me ao pontinho azul do céu.  
Pesadas gotas caem na roupa  
e eu sem saber se vou ou se fico...  
por isso, espero.

É complicado ficar  
eu não me sinto eu ali  
passam horas, dias...  
minutos me dizem pra voltar.  
Um dia após outro  
cada certeza minha, cai.  
Ali eu não sou eu.  
Sou outro alguém que se perdeu,  
que era pra ser e não foi  
e que nunca será.  
O eu ali não sou eu.  
O eu que sou não se encaixa,  
um tetris torto,  
que precisa se encaixar,  
mas não completa.

Eu me deixe prender  
de livre e espontânea vontade.  
Me deixei fixar num quadro,  
como borboleta de coleção.  
No começo, adaptar, observar,  
a nova realidade;  
modificando, tentando,  
o novo caminho.  
As asas doem, mexo-as,  
estabanadamente.  
Me debato entre o vidro,  
solto os alfinetes, machucam-me...  
Alguém abre o vidro, pasmem,  
sou eu mesma... em uma nova versão de mim.  
Me acolho, me encaro, me abraço.  
Cuido das minhas asas, me preparo...  
para o que?  
Para o ar...

Nesse tempo parcialmente longe um do outro,  
percebi tantas coisas...  
percebi que a gente se quer bem,  
mas que, talvez, no estar longe,  
funcionasse melhor.  
Eu te amo,  
e podemos ser mais,  
mais leves,  
mais nós,  
mais tudo.  
Nem sempre o estar junto é estar perto.  
Erramos? Não. Vivemos.  
Vivemos o que o coração mandava.  
É hora de continuar obedecendo ao coração.  
Por isso, por me amar, por te amar,  
que precisamos seguir.

Há cura?  
Há tempo?  
Há...  
há o inimaginável  
suspiro  
entre a dor do corte  
e a cicatriz.  
Não arranque a casquinha!  
Não cutuque o que já quase sarou.  
Busque novos caminhos, novos joelhos,  
novas fagulhas...  
Se é caindo que se aprende a andar,  
que tenhamos joelhos ralados...  
e esperança pelo cicatrizar.

Quero me separar de ti.  
Para ver se assim a gente, e eu, principalmente eu,  
consegue entender o que vivo, sinto, quero, o que sou.  
Que seja como quando a gente soprava  
a fita do vídeo game,  
não pra resetar, mas pra funcionar direito.  
Esfriar para esquentar.  
Para ver se assim a gente passa  
a ser quem fomos juntos  
e nos perdemos em nossos novos papéis.  
Para ver se desta forma a gente se entende,  
se conecta, se esbarra de novo em nós mesmos.  
Para nos sentirmos livres para nós escolhermos  
de novo se for pra ser.  
Para termos a alegria do encontro,  
as borboletas no estômago  
e os macaquinhos no sótão, saltitando  
mil ideias pra quando nos vermos.  
Para poder sentir-me tão minha  
que possa ser tua quando eu quiser.

Passei o dia fugindo da realidade.  
Ela me seguia em passos firmes ao longe...  
até que eu cansei de correr. Sentei.  
Ao abrir os olhos, lá estava ela.  
A realidade, com a mão estendida,  
me convidava pra caminhar.  
E eu? Eu fui.  
A realidade é uma velha amiga,  
que mesmo de longe,  
nos acolhe, acompanha e nos guia.

Por que, raios! Você ainda me faz poetizar?  
Não quero! Não posso! Não dá!

virar a página  
virar o disco  
virar a folha  
virar o copo  
virar do avesso  
virar o virado  
vidrado  
no tempo-espço  
do vir-ar  
virar ar?  
Vi o ar virar  
em choro?  
em riso?  
em prosa?  
não.  
Em poesia.

Queria entender o que sentes,  
o que pensas de mim.  
Queria entender teus passos,  
o que buscas, o que desejas.  
Queria entender teus silêncios,  
teus medos, teus olhares.  
Queria entender nossos caminhos,  
onde se juntam, se emparelham, se separam.  
Queria entender como te acolher  
e, de alguma forma, não te deixar ir.

Às vezes não decidir é uma decisão,  
embora não seja a mais coerente,  
embora vá doer em algum momento  
ou em alguém.

Às vezes deixar pra lá é trazer pra cá.  
É poder ter tempo de respirar,  
profundamente,  
por alguns segundos  
sem o peso de pensar.

Às vezes deixar pra lá é desopilar,  
despreocupar, desanuviar...  
a cabeça vê a palavra desopilar e pensa...  
mas desopilar não parece pitar o pilar?  
Tirar o pilar não é uma decisão?  
E se a gente tirar o pilar?  
Pluft! Caímos no chão!

Eu te amo  
Eu me amo  
Eu me quero  
Eu te quero  
Eu te espero  
Eu me espero?  
Eu me liberto!

Às vezes é preciso de espaço,  
de afeto distante,  
de portas e chaves,  
de ares.

Às vezes é preciso ver com outros olhos,  
ver medos e anseios,  
ver querereres  
Pelo lado de fora.

Às vezes é preciso:  
da dúvida para se ter certeza,  
do choro para lavar a alma,  
do longe para se ser perto.

Aponto o lápis,  
abro o caderno,  
Abro o sorriso,  
levanto o queixo.  
Pisco os olhos  
- doces e inquietos -  
murmuro baixinho  
que a vida segue.  
Pego o copo da coragem,  
viro num gole só,  
sem sal nem limão.  
A vida segue,  
a música continua,  
os passos rápidos pelo salão.  
Eu, num segundo,  
estou entre o estar em teus braços e  
tu pisares no meu pé.  
Não sorrio,  
te olho, solto-me de ti.  
Arrumo os fios do cabelo,  
coloco os óculos no lugar.  
O dedo pisado dói.  
Tiro os sapatos,  
saúdo a vida  
que por mim passa  
e continuo a dançar.



Emiliana Faria Rosa é escritora, poeta, professora e pesquisadora. Surda, polílingue. Como assim? Sinalizante da Libras, falante (e/ou diria escrevente?) do português. Sabe um pouco (ou mais que um pouco) de inglês, francês, espanhol; segundo minhas gatas, também entendo miauês.

Por ela mesma: Viciada em palavras, coisas de papelaria, livros, viagens e observar o mundo. Poeta, escritora e degustadora de cafés, é muito fácil me ver em alguma cafeteria com um expresso, uma caneta e um caderno. Adoro escrever enquanto “vejo as modas”, como diria minha avó.

Autora de “Borboletas Poéticas” (2017) e “Crônicas, memórias e joelhos ralados” (2022). Organizadora de “Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta” (2022) e “Aquela carta que nunca enviei” (2023).

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1899263994075291>

The background of the entire page is a deep, textured blue. Overlaid on this are numerous white, hand-drawn or painted lines. These lines are of varying thickness and form a complex, organic pattern. Some lines are straight and vertical, while others curve into loops, teardrop shapes, and intricate, branching structures. The overall effect is reminiscent of a microscopic view of biological tissue or perhaps a stylized, abstract representation of a plant or neural network.

*Só por hoje: poesia*

Emiliana Faria Rosa